

sociedade judaica, particularmente, mas não exaustivamente, a de Jerusalém” (p. 39).

“Jesus era Judeu? Ou a Galiléia Esquecida” é o título do segundo capítulo do livro em epígrafe. Com essa questão, os autores tratam do descaso dos estudiosos com os problemas nascidos com a “judaização” da Galiléia, pois estes reproduzem sua sociedade como se fosse totalmente destituída de conflitos culturais. Chevitarese e Cornelli, no entanto, atingem conclusões dessemelhantes e dissonantes: “dois fatores acentuam a força de *resistência cultural* do povo Galileu: esta situação de perene colonização como constante ameaça, direta ou indireta, à sobrevivência física e ideologia do povo, e uma forma particular de resistência que marca o campesinato em geral” (p. 50).

Em seu terceiro capítulo, “Práticas Mágicas no Novo Testamento e para além dele”, os autores discorrem sobre suas experiências didáticas apontando o estranhamento dos alunos diante de discussões que saiam do eixo do mitológico *versus* racional, como a existência de práticas de magia na Grécia antiga. A partir desse pressuposto, os autores recuperam dois vocábulos gregos - *pharmakós* e *báskanos* - no contexto do Novo Testamento e ainda o costume de portar amuletos, o que leva os autores a concluírem que “a crença na magia estava amplamente difundida nas primeiras comunidades cristãs [...] o cavaleiro armado submetendo o inimigo caracterizava-se como um símbolo natural de vitória na cultura helenística [...] a figura do cavaleiro montado sobre o cavalo [...] funcionando como um importante símbolo apotropaico” (p. 80).

Centrados nos estudos de apocalíptica judaico-cristã, os autores destacam o descuido da bibliografia especializada no tema com os *Papiros Mágicos Gregos*, sobre os quais apresentam ao leitor uma breve história. A motivação para o despreço desse *corpus* documental explica-se pela inabilidade dos estudiosos em analisar holisticamente as práticas religiosas de gregos e judeus, pois “a dinâmica religiosa do mundo helenístico revela uma dinamicidade viva, uma troca contínua de formas e conteúdos” (p. 81), daí o quarto capítulo ser nomeado “Convergências Apocalípticas nas Esquinas da Magia: o Sincretismo Religioso Helenístico dos *Papiros Mágicos Gregos*”.

Já no quinto capítulo, “Amuletos, Salomão e Cultura Helenística”, Chevitarese e Cornelli realizam o estudo e a interpretação de quatro amuletos judaicos nos quais há a representação de um cavaleiro em posição de ataque a uma figura feminina, relacionando-os com representações semelhantes em moedas e relevos helenísticos. Dessa forma, os autores indicam a intersecção do imaginário dessas culturas, apontando “o fascínio que a figura do cavaleiro exercia no imaginário das culturas mediterrâneas (pelo menos naquelas que se relacionavam com as culturas grega e romana, incluindo aí, especificamente, a cultura judaica)” (p. 109).

A transmissão do relato sobre o mito judaico do anel mágico do rei Salomão é o objeto de reflexão dos autores em seu sexto capítulo, intitulado “O Anel de Salomão: Magia e Apocalíptica no *Testamento de Salomão*”. Segundo essa tradição, Salomão teria poderes divinos advindos de um anel mágico que o capacitava à prática do exorcismo. Apesar dos mistérios que envolvem os relatos orais sobre o anel mágico, os autores apuraram que, no

Testamento de Salomão, há informações que confirmam a existência desse mito na cultura judaica. No estudo do documento, os autores perceberam que “a história da datação do manuscrito é extremamente significativa e revela a resistência dos críticos não tanto ao texto em si, e sim, mais propriamente, com relação ao conteúdo do mesmo” (p. 126). Assim, demonstram que o entrelaçar das diversas interpretações do mito o torna vivo e em constante transformação.

No sétimo capítulo, “O Uso de um Esquema Imagético Politeísta entre os Primeiros Cristãos”, Chevitarese e Cornelli dialogam com a documentação, a saber, amuletos cristãos em forma de medalhas e pendentos, cuja imagem de um cavaleiro com auréola aparece cunhada no anverso. Outras características desses amuletos são a representação do cavaleiro galopando com uma lança na mão e a de seu cavalo com as duas patas dianteiras levantadas. A comparação desses artefatos com o excerto 19:17-21 do Apocalipse elucidada a questão para os autores, que afirmam: “Esta leitura não apenas projeta um foco de luz na conclusão deste ensaio, como também ajuda a entender o porquê deste esquema iconográfico ter adquirido tanto sucesso ao longo da história da Igreja, pelo menos no Ocidente” (p. 147). Nesse caso, os autores notam a associação direta com o mito de São Jorge contra o dragão e a imagem de Jeová como cavaleiro, divulgada na canção religiosa de cristãos pentecostais brasileiros.

Encerrando o livro, no capítulo oito, denominado “Sexualidade e Violência no Reino dos Céus: O Caso do Evangelho Secreto de Marcos e as Tradições Cristãs Primitivas”, os autores não se mostram convencidos pelas interpretações correntes acerca da passagem 14:51-52 do evangelho de Marcos, na qual a descrição da paixão de Cristo é interrompida por uma cena em que surge um indivíduo envolto em um lençol e o desfecho dela é sua fuga sem ele, isto é, o homem foge nu. No entender deles, “A literatura dos primeiros cristãos é extremamente viva e dinâmica, englobando um vasto espectro sociopolítico e econômico, cobrindo uma enorme área da bacia mediterrânea, com miríades de culturas” (p. 156). Assim, as críticas de Chevitarese e Cornelli sobressaem à tendência historiográfica de visualizar o cristianismo como um movimento singular e não plural.

Diante do exposto, nota-se que a original proposta do livro “Judaísmo, Cristianismo e Helenismo: Ensaio acerca das Interpretações Culturais no Mediterrâneo Antigo”, de André Leonardo Chevitarese e Gabriele Cornelli, alcançada com grande mérito, é de ampliar o debate sobre as interações culturais, revelando a multiplicidade de suas identidades, os significados e os efeitos de sentidos produzidos pelos discursos, nos quais é possível identificar a multifacetada relação cultural entre judeus, cristãos e gregos. Endosso as palavras do Prof. Pedro Paulo Funari, na quarta capa, ao dizer que o livro “trata de temas originais e pouco explorados pela literatura: a interpenetração cultural e a fluidez das sociedades e culturas”. Dessa maneira, a obra atua feito uma brisa no calor da repetição exegética presente na bibliografia tradicional.

Maria Aparecida de Oliveira Silva
Doutora em História Social (FFLCH/USP)

Índice

